

SAUDAÇÃO

18ª Marcha do Orgulho LGBTQIA+ da Cidade do Porto

A 28 de Junho de 1969 dá-se em Nova Iorque a revolta de Stonewall, que deu origem ao movimento atual pelos direitos LGBTQIA+. Na noite de 27 de Junho de 1969, um grupo de polícias invadiu o bar nova-iorquino Stonewall-Inn espancando homossexuais e transgéneros e prendendo todos os travestis que se encontravam no bar. Mas, ao contrário das outras vezes, as pessoas resolveram resistir, em solidariedade com os presos. Os homossexuais contaram com a solidariedade dos habitantes locais e tudo só acabou com a decisão do Presidente da Câmara de terminar com a violência policial. Nos Estados Unidos, como no resto do mundo, a partir daí, a celebração da resistência de há 50 anos tornou-se marcha do orgulho.

Em Portugal, a revolta de Stonewall foi assinalada pela primeira vez em 1995, com um encontro na discoteca Climaciz, em Lisboa, que foi notícia na imprensa e pode ser considerado um antecedente do primeiro Arraial Pride, que teve lugar em 1997, depois do nascimento da ILGA.

Mas não são dessa altura os primeiros vestígios históricos de insurgência - e de opressão: décadas antes, durante o fascismo, escritores tinham visto livros seus serem queimados por exporem publicamente "imoralidades". A Revolução do 25 de abril abriu as portas, logo em maio desse ano, ao primeiro manifesto LGBT publicado nos jornais da época: "Liberdade para as Minorias Sexuais", da autoria do recém-criado Movimento de Ação Homossexual Revolucionária.

Em Portugal são mais de vinte as marchas LGBTQIA+. Às marchas de Lisboa e do Porto, com uma história mais antiga (a primeira estreou-se em 2000, a segunda em 2006, na sequência da morte de Gisberta Salce Junior), somam-se as de Sintra, Aveiro, Bragança, Faro, Guimarães, Coimbra, Ponta Delgada, Barcelos, Braga, Santarém, São João da Madeira, Leiria, Vizela, Funchal, Viseu, Covilhã, Caldas da Rainha, Esposende, Setúbal, Famalicão e pela primeira vez Évora, Chaves, Santo Tirso, Ovar, Felgueiras e Tomar. Marcadas pela presença de milhares de jovens em todo o país, estas manifestações não são apenas uma irrupção reativa no espaço público, mas um movimento contínuo, que todos os anos cresce em número de pessoas e na sua extensão territorial. No próximo dia 8 de julho, tem lugar a 18ª Marcha do Orgulho LGBTQIA+ do Porto.

É imperioso que, em conjunto, trabalhemos para denunciar e combater todas as violências. O Porto, sendo uma cidade diversa que se quer respeitadora dessa diversidade, pode e deve apoiar as iniciativas públicas que procuram visibilizar esta causa, contribuindo para a eliminação de todas as formas de discriminação, violência e silenciamento das pessoas LGBTQIA+. A LGBTQfobia e as suas múltiplas formas de violência continuam a marcar o quotidiano de milhares de pessoas, há uma nova onda de ódio conservador (e por isso de medo), em mais de 60 países a homossexualidade ainda é considerada um crime, os padrões da desigualdade de género resistem apesar das mudanças legais, a precarização da vida afeta sempre mais quem soma fatores de discriminação, a visibilidade das expressões LGBTQIA+ está longe de ser representativa.

Assim, a Assembleia de Freguesia de Campanhã, reunida em sessão ordinária no dia 30 de junho de 2023, delibera:

- 1) Saudar a realização da 18ª Marcha do Orgulho LGBTQIA+ da cidade do Porto, todas as organizações nela envolvidas bem como todas as pessoas no próximo dia 8 de julho nela irão participar;
- 2) Recomendar ao Executivo da Câmara Municipal que acolha os apelos da Comissão Organizadora da Marcha do Orgulho do Porto para que a realização do Arraial da Marcha deste ano se possa realizar no centro da cidade.

A Representante do Bloco de Esquerda
Elisabete Carvalho

(remeter à organização da Marcha do Orgulho LGBT+ do Porto, Executivo da Câmara Municipal do Porto e Assembleia Municipal)